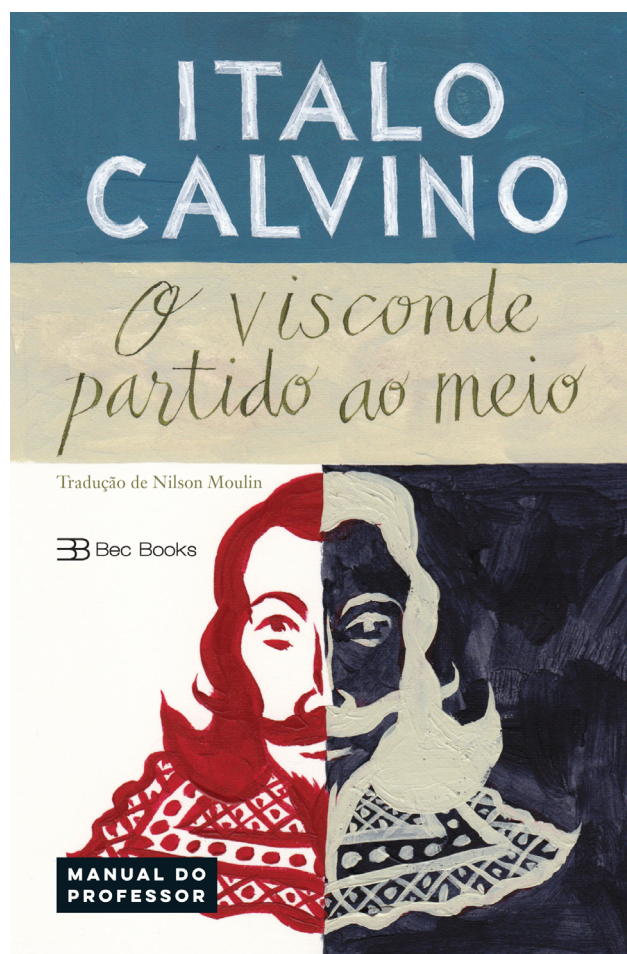


# MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

**AUTORIA** NATÁLIA SANTANA ZUCCALA,  
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

**COORDENAÇÃO** CRISTIANE FERNANDES TAVARES,  
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



# MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

**AUTORIA** NATÁLIA SANTANA ZUCCALA,  
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

**COORDENAÇÃO** CRISTIANE FERNANDES TAVARES,  
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO

***O VISCONDE PARTIDO AO MEIO***

AUTOR

**ITALO CALVINO**

TEMAS

**FICÇÃO, MISTÉRIO E FANTASIA;  
DIÁLOGOS COM A SOCIOLOGIA  
E COM A ANTROPOLOGIA;  
INQUIETAÇÕES DA JUVENTUDE**

GÊNERO LITERÁRIO

**ROMANCE**

### *Conteúdo*

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para  
a Ação Comunitária

### *Revisão*

Aminah Haman

Maitê Acunzo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Zuccala, Natália Santana

Material digital do professor — O visconde partido ao  
meio / Natália Santana Zuccala ; coordenação de Cristiane  
Fernandes Tavares ; CEDAC. — 1ª ed. — Curitiba : BecBooks,  
2021.

### Bibliografia

ISBN 978-65-993639-2-4

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Calvino, Italo.  
O visconde partido ao meio. III. Tavares, Cristiane Fernan-  
des. IV. CEDAC.

21-0701

CDD 372.64044

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à  
BECBOOKS SOLUÇÕES EDUCACIONAIS LTDA.  
Rua Major Fabriciano do Rego Barros, 1050  
81630-260 — Curitiba — PR  
Telefone: (41) 3213-5600

# SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

Proposta de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **12**

*Pré-leitura*, 12

A comicidade como linguagem, 12

Formulação de hipóteses e levantamento de conhecimentos prévios, 15

*Leitura*, 17

Capítulos 1 e 2: a guerra, 17

Capítulos 3 a 6: administração do mau visconde, 19

Capítulo 7 a 9: chegada da metade boa, 22

Último capítulo, 23

*Pós-leitura*, 25

Produção de conto fantástico, 25

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **26**

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: História/Sociologia, 26

*Pré-leitura*, 26

*Leitura*, 28

Arte, 35

*Pós-leitura*, 35

Aprofundamento: análise estética e crítica da obra, **39**

Sugestões de referências complementares, **42**

Bibliografia comentada, **43**

Obras citadas, **45**

# APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *O visconde partido ao meio*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

**1. Carta:** conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos do autor, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

**2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

**3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento:** sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

**4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra:** subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

**5. Sugestões de referências complementares:** indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

**6. Bibliografia comentada:** apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

**7. Obras citadas:** lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo

com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e seus estudantes.

Bom trabalho!

## CARTA

Cara professora, caro professor,

*O visconde partido ao meio*, de Italo Calvino, é uma daquelas obras com muitas camadas de profundidade que podem ser acessadas pelo leitor e que, a cada vez que são lidas, revelam mais e mais camadas que impressionam pela complexidade que podem alcançar. Sendo acessível para diversas idades, ao ler esse romance, temos a impressão de que muitos assuntos podem ser abordados, a depender da relação que o leitor estabelece com o texto.

Apesar de ser uma obra curta, ela pode ser considerada um **romance**, dada a complexidade estrutural. Essa já é uma das características surpreendentes do livro: seu tamanho não impede que ele seja altamente profundo, tanto em termos do conteúdo, quanto da forma. Por um lado, *O visconde partido ao meio* deve ao conto suas características fantásticas e à fábula sua reflexão moral; por outro, ao contrário do que ocorre nesses outros gêneros, sua narrativa intrincada conta com um conflito principal e outros adjacentes. Desse modo, é quase possível dizer que Italo Calvino inaugura uma nova forma de fazer romances, na qual os gêneros se encontram misturados para formar uma estrutura muito interessante.

A princípio, a trama nos impressiona pela evidente característica fantástica: um jovem nobre e inexperiente nos assuntos marciais participa de uma guerra decadente, leva uma bala de canhão em pleno peito e é separado em duas metades, uma boa e uma má. Tendo mais sucesso em sua recuperação, a parte má de Medardo di Terralba volta para sua terra natal e, após a morte de seu pai, passa a administrar as propriedades da família. Para além das interessantes manipulações do universo fantástico, Calvino expõe nessa obra a capacidade de compor, em sua literatura, alegorias através da trama e dos personagens — mais adiante neste material esses recursos ficarão claros, pois trabalharemos de forma mais aprofundada o conceito de *alegoria* e como ele se aplica à obra (p. 18-9 deste manual). Por fim, se abordado com base em uma perspectiva histórica, o romance apresenta também uma série de reflexões ácidas sobre os rumos do século xx.

O livro foi publicado na Itália pela primeira vez em 1952, poucos anos após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-45). Nesse período, não só a ciência, a sociedade, mas também as artes estavam completamente impactadas pelas expe-

riências decorrentes das duas Grandes Guerras. O mundo inteiro acabara de vivenciar eventos de destruição em massa como nunca antes na história: as bombas atômicas, que mataram uma parcela significativa da população das cidades japonesas Hiroshima e Nagasaki (1945), e os campos de concentração, estratégia nazista de aniquilação étnica. As guerras e outros conflitos do século xx, diferentemente do que ocorria até então, não se limitaram a matar os militares escalados para participarem dos combates, mas também levaram à morte milhares de civis. Não podemos nos esquecer de que a Segunda Guerra Mundial foi a que mais matou na história do mundo: estima-se entre 70 e 85 milhões de mortos, cerca de 3% da população mundial, em apenas cinco anos, sendo que mais da metade das vítimas foi de civis (THE NATIONAL WWII MUSEUM, s. d.).

Nesse terrível contexto — que influenciou decisivamente a sensibilidade e a forma de ver o mundo das pessoas que sobreviveram a esses acontecimentos —, a Itália teve papel fundamental e sofreu consequências inesquecíveis.

Apesar de haver nascido em Cuba, em 1923, **Italo Calvino** não só tinha pais italianos, mas também passou toda a sua vida nesse país. Assim, esteve presente no momento em que a Itália foi tomada pelo fascismo, sob o regime totalitário de Benito Mussolini (1883-1945), e viu seus cidadãos oprimidos e mortos pelo fascismo. Além disso, viveu para presenciar a união de seu país ao Exército de Hitler numa formação conhecida como Eixo, que incluiu também o Japão, para combater os países Aliados (Estados Unidos, União Soviética, China e Reino Unido) na Segunda Guerra Mundial. O resultado nós conhecemos: Japão, Itália e Alemanha foram derrotados pelas grandes potências e uma disputa entre os vencedores dividiu o mundo entre Esquerda (representada pela União Soviética e pela China) e Direita (representada pelos EUA), numa disputa por influência geopolítica que dura até os dias de hoje.

Do ponto de vista literário, observamos que Italo Calvino, no começo de sua carreira como escritor, foi muito influenciado pelo neorrealismo, assim como outros autores italianos da época, como Cesare Pavese e Elio Vittorini. No entanto, ele encontrou sua verve literária na literatura fantástica, com livros como *O visconde de partido ao meio*. Nesse campo, foi um discípulo de um dos maiores autores do gênero, o argentino Jorge Luis Borges. Consagrou-se como autor com o livro *As cidades invisíveis* (1972), e morreu em 1985.

Seria possível produzir arte depois de 1945, sem falar sobre esses eventos

que transformaram o mundo? O crítico literário brasileiro Alfredo Bosi nos ajuda a responder a essa pergunta:

Homens e mulheres de nosso tempo ainda leem e criam poesia como se a sentença provocadora de Adorno — “escrever poemas depois de Auschwitz é um ato de barbárie” — merecesse esta animosa interrogação: Por que a barbárie deve prevalecer? (2000, p. 17)

Em resposta ao que ocorria no século xx, Calvino escreve e faz poesia. Assim como o visconde Medardo di Terralba, personagem principal do livro, o mundo via-se partido em dois lados, em muitos sentidos opostos, em outros muito semelhantes.

O escritor italiano Italo Calvino obviamente não pôde ignorar tais acontecimentos e tratou deles, mesmo que de maneira indireta, em seus livros. A característica alegórica de *O visconde partido ao meio*, se colocada em perspectiva histórica, fica evidente, e não se restringe ao personagem principal, estendendo-se para a composição de diversas outras figuras da obra: dr. Trelawney, médico que não tem interesse algum por seres humanos, mas imenso pelos fogos-fátuos e por doenças raras que acometem os grilos; ou Pedroprego, construtor e albardeiro que, sob o comando do visconde mau, constrói elaboradas e belíssimas forcas que permitem matar mais e com mais eficiência, apesar de preferir construir móveis e celas. Observando esses dois interessantes personagens, parece que estamos mirando a própria impotência da ciência na primeira metade do século xx, que não só deixou de salvar vidas, mas foi muito “eficiente” para fazer descobertas que promovessem a morte, como as bombas nucleares, por exemplo.

Cabe salientar que *O visconde partido ao meio* inaugura uma trilogia do autor intitulada Nossos Antepassados, que incluiu posteriormente *O barão nas árvores* e *O cavaleiro inexistente*. Como fica evidente no título da sequência de livros, a intenção de pensar o passado e revisitar os rumos da história está posta. Cabe a nós, leitores, indagar: se visconde Medardo di Terralba é nosso antepassado, o que ele tem a dizer sobre nosso presente?

A dimensão alegórica desse romance, no entanto, não se limita ao potencial de leitura da história da Europa, traçando **diálogos com a sociologia e a antropologia**, mas também alcança os dilemas morais do ser humano como indivíduo e, nesse sentido, tem um potencial imenso para uso em sala de aula. Em primeiro lu-

gar, o narrador da obra é o sobrinho do visconde que se parte ao meio, personagem cujo nome não conhecemos, mas que imprime sua lógica e sua subjetividade na narração de maneira bastante sutil. Quando a história começa, ele **narra as aventuras do tio com muito mistério e aventura**, e reflete sobre o fato de que Medardo, antes de ir para a guerra, era apenas um jovem inexperiente.

Ao final do livro, é o próprio narrador que é um jovem garoto e conta se sentir tão confuso quanto o seu tio estava ao ir para a guerra. Com isso, o leitor pode vir a acreditar que, na lista de muitos temas que esse curto romance aborda, entra também **a própria juventude e suas inquietações**. O narrador diz-se um jovem muito sozinho, que precisa esconder-se na floresta para criar suas próprias histórias e assim refletir sobre suas experiências de mundo. Talvez, de fato, a adolescência seja um dos períodos da vida em que mais refletimos sobre o que vemos e vivemos, e essa característica solitária e reflexiva do jovem pode abrir um espaço de discussão aos estudantes do Novo Ensino Médio, que se beneficiarão em ler essa história narrada por uma criança que está entrando na adolescência, período da vida que eles próprios habitaram há pouco. Dentro desse contexto, é possível inclusive abordar temas transversais como os direitos da criança e do adolescente, tão fundamentais para essa faixa etária.

Outra dimensão muito interessante para explorar na narrativa diz respeito à moralidade. Tendo voltado apenas a parte má de Medardo para Terralba, a população se vê aterrorizada por seu sadismo e falta de escrúpulos; perguntam-se todos se haveria uma outra parte, que poderia equilibrar a maldade de uma das metades. No entanto, quando de fato o bom Medardo chega, as expectativas tão altas em torno de sua bondade acabam frustradas, pois, de tão bom, esse homem chega a ser incômodo. Desse modo, os dois extremos de um homem se parecem, sendo igualmente ruins para a população. Tanto um como o outro tornam a vida dos habitantes de Terralba muito difícil e a população vê-se dividida: “[...] entre caridade e terror decorriam as nossas vidas” (p. 74). É evidente a relação que se estabelece aqui com o tema do equilíbrio, da busca por equilibrar o bem e o mal — os lados opostos que todos temos.

Além de todas essas potencialidades, *O visconde partido ao meio* ainda permite abordar a literatura fantástica, a partir da teorização de Tzvetan Todorov, em seu livro *Introdução à literatura fantástica* (2017). Nessa importante obra da crítica literária, o autor búlgaro traz para o campo literário os conceitos de *elemento fan-*

*tástico e hesitação*. O primeiro seria o elemento que torna uma obra literária fantástica, algum elemento que, em meio a um contexto próximo de normalidade, destaca-se por ser impossível, irreal. Já a hesitação seria a dúvida do leitor em relação à veracidade do elemento fantástico. Para Todorov, na obra fantástica por excelência, não saberíamos se esse elemento irreal é fruto do acaso ou de conjunções mágicas — portanto, hesitaríamos.

Apesar dessas teorizações de Todorov serem posteriores ao romance de Calvino, podem ser aplicadas numa análise de *O visconde partido ao meio*. Leituras como a desse romance permitirão que os estudantes do Novo Ensino Médio observem outras obras do universo fantástico de maneira aprofundada, além de ser uma referência importante para a produção literária.

Por fim, uma das características mais complexas e divertidas desse livro é a comicidade. Permeada por um humor nada simplista, por vezes ácido, por vezes escatológico, por vezes absurdo, essa história pode nos fazer rir (e muito!), mas principalmente nos faz pensar de maneira crítica sobre a realidade através do recurso do humor. Desse modo, trabalhá-lo em sala de aula pode permitir boas risadas, além das reflexões.

## PROPOSTA DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Aqui você encontrará algumas sugestões de atividades para os estudantes do Novo Ensino Médio acerca da leitura de *O visconde partido ao meio*. Essa parte do material está dividida em *pré-leitura*, que indica o que pode ser feito antes da primeira leitura do livro; *leitura*, que sugere encaminhamentos dentro e fora da sala de aula para acompanhar o processo de apreciação do livro; por fim, *pós-leitura*, na qual você encontra propostas de finalização e expansão da experiência com a literatura de Italo Calvino. Em cada uma dessas partes há mais de uma possibilidade de encaminhamento da(s) atividade(s), de modo que o leque de trabalho esteja aberto. Logo, não é necessário realizar todas as propostas com os seus estudantes. Seria interessante contemplar esses três momentos da relação com o livro, dando prioridade e destaque para o meio, isto é, o processo de leitura. Selecione as propostas que mais se adequam à realidade e ao contexto da escola, pensando inclusive em como fazer adaptações para torná-las mais acessíveis, inclusivas e coerente com as turmas.

Por se tratar de um livro curto, é possível ler com os jovens uma parte significativa da obra, ou até lê-la completamente, numa leitura compartilhada, em sala de aula. As partes que forem lidas em casa devem ser discutidas em aula, para ampliar a leitura e tornar a apreciação mais complexa.

Sobre a leitura compartilhada, situação em que estudantes leem juntos e discutem o que leram ora em situações mediadas pelo professor, ora em grupos de discussão, ver a página 44 deste material.

### PRÉ-LEITURA

#### A COMICIDADE COMO LINGUAGEM

Uma das características mais interessantes do livro de Calvino é que ele apresenta uma forma singular de fazer rir. A trama e as personagens de *O visconde partido ao meio* são exageradas, caricaturais e cômicas. Nesse sentido, contemplar essa obra no currículo permite a observação de uma forma específica de se fazer literatura. Conforme previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é importante:

**(EM13LP49)** Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

No entanto, a linguagem do humor não costuma ser a mais comum nos ambientes escolares, dificilmente em sala de aula há momentos para apreciar os efeitos da comicidade. Há as tirinhas, claro, que costumam ser usadas em avaliações e para estudar gramática aplicada, porém, dificilmente lemos com os estudantes livros inteiros que tenham como recurso literário principal o cômico. Desse modo, existe a possibilidade de, ao trazer um livro cômico para a sala de aula, que essa linguagem seja identificada como uma escolha estética logo de cara e que os estudantes se perguntem: é mesmo para rir? Podemos rir? Por isso, seria interessante despertá-los para o fato de que encontrarão um livro cômico e de que o riso é parte fundamental dessa leitura: é preciso “autorizá-los a rir”. É claro que isso dependerá muito da relação entre o professor e a turma, mas, independentemente disso, é importante que o docente procure permitir o riso na sala e também fale sobre os efeitos cômicos da obra, problematizando as escolhas do autor e refletindo sobre elas com os jovens.

Se, apesar dessa sensibilização inicial e dos esforços do professor, ainda não houver permissão ao riso, ou os estudantes não acharem engraçado o que estão lendo, então sugerimos que adote outra postura e faça outras intervenções. Nesse caso, é possível abordar o recurso cômico a partir de um ponto de vista mais crítico e analítico, estimulando-os a pensar por que a obra poderia ser considerada cômica, quais trechos poderiam gerar o riso. Dessa forma, apesar de não se contaminarem pela comicidade, os estudantes podem se esforçar por compreender o recurso e, nesse caso, eventualmente até adotar outra postura.

Desse modo, sugere-se que, antes de começar o primeiro contato com o livro, seja feita uma atividade de tematização do riso, da comicidade, com o objetivo de sensibilizar os jovens para esse recurso estético e fazê-los refletir sobre ele. Para isso, existem diversas abordagens possíveis, e recomendamos que o professor garanta no mínimo dois momentos, um de pensamento individual sobre o tema e outro de

discussão coletiva. É possível, por exemplo, começar a atividade pedindo para que os jovens reflitam individualmente sobre o que os faz rir, tanto na arte e no entretenimento, como em outros âmbitos sociais da vida, no mundo. Em seguida, pedir para que os estudantes discutam em subgrupos (trios, quartetos ou quintetos) e que cheguem a uma lista de características que podem ser atribuídas ao que é propriamente engraçado, a partir de suas experiências pessoais. Por fim, essa lista deve ser compartilhada com toda a turma para trocar ideias sobre os itens em comum e as discordâncias. Algumas variáveis podem ser feitas nessa proposta para que a atividade caiba no tempo didático, como ir da reflexão individual para todo o grupo.

O papel do docente, nesse contexto, é promover a discussão entre eles, em primeiro lugar, mas também, por fim, trazer referências teóricas e literárias para embasar a discussão. É provável que nas conversas vocês cheguem a determinados conceitos que tenham relação com o que dizem a crítica e a teoria sobre o cômico. Além disso, vale a pena trazer exemplos de textos cômicos para que a discussão não fique teórica demais, pouco embasada na realidade. É possível, nesse contexto, usar tirinhas ou crônicas que demonstrem o que a teoria aponta de maneira mais reflexiva.

Um dos autores que dedica a esse tema algumas palavras e consiste em referência para essa discussão é o filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), em seu livro intitulado *O riso* (1900). Nele, o autor levanta algumas das condições para que o riso surja — como a coletividade, pois Bergson diz que o riso apenas se dá em grupo. Essa reflexão, por si só, já torna interessante a leitura de *O visconde partido ao meio* em sala de aula, de forma coletiva, além de ressaltar a importância de permitir que o riso surja entre os estudantes. O escritor também salienta que a comichão apenas surge no que é propriamente humano, isto é, existe um espelhamento no que gera o riso; de alguma maneira é preciso haver identificação para que o homem ria. Dentre muitas outras reflexões que valem a pena em seu livro, Bergson também sugere que o riso provém do erro e do exagero. Sem dúvida, é possível aplicar as ponderações do autor ao cotidiano dos estudantes e, inclusive, da própria vida escolar. Por exemplo, nós rimos quando alguém cai, por conta de seu erro, por causa de algo que não saiu como essa pessoa esperava.

Tendo sido feita uma discussão acerca do que causa o riso, vale a pena pedir que os estudantes anotem as conclusões no caderno ou até em algum espaço coletivo que possa ficar acessível a todos, como um mural, que poderia ser real ou virtual. Isso deve ser feito para que, durante a experiência com o livro, vocês possam retornar a essa discussão e comprovar se as conclusões se aplicam ao livro.

Por fim, cabe também perguntar quais seriam as intenções de um autor ao tratar de maneira cômica qualquer assunto que seja, quais são os efeitos que esse recurso causa no leitor. Não é necessário que os estudantes se refiram ao livro — que afinal ainda nem leram —, mas sim que pensem de maneira ampla o sentido do uso dessa linguagem como escolha estética visando um efeito na recepção leitora. Pode-se pensar, por exemplo, na criticidade despertada através do riso: quando rimos de algo que nos parece ridículo, por exemplo, nos relacionamos com a realidade de maneira mais crítica. É evidente que esse não é o único efeito do riso, mas um dos possíveis. Ou pode-se então contrastar o riso ao choro: há literaturas que fazem chorar, que emocionam. Quais diferentes efeitos decorrem dessas abordagens diferentes de narrativa? Nenhuma discussão precisa ser encerrada nesse momento, pelo contrário, a ideia é abrir os caminhos, despertar a sensibilidade para a leitura que virá.

## FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES E LEVANTAMENTO DE CONHECIMENTOS PRÉVIOS

Uma das estratégias que podemos usar antes de começar uma leitura para mobilizar os estudantes é formular hipóteses acerca do que virá e fazer um levantamento dos conhecimentos prévios.

Antes de ler a obra, convém sempre que possível conversar sobre o que aquela turma já sabe sobre o autor, sobre o contexto de produção e sobre o livro. É claro que, se por acaso alguém souber demais, não seria bom falar mais do que deveria e estragar a surpresa do livro para os outros estudantes. Porém, talvez algum deles tenha informações sobre o contexto histórico de produção, a vida do autor, outras obras publicadas por ele, ou então até mesmo tenha lido algo de Italo Calvino e possa compartilhar com a sala. A experiência docente mostra que determinadas informações às quais os estudantes têm acesso antes de embarcar numa leitura podem impactar fortemente sua relação com o que será lido. Também estão previstas na base habilidades específicas nesse sentido.

**(EM13LP01)** Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar

as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações.

Vamos pensar em alguns exemplos. Se por acaso alguém tiver lido obras de Calvino e tiver a impressão de que sua obra é muito metafórica, ou alegórica, esse ponto pode fazer com a turma preveja encontrar dimensões múltiplas de significado no enredo. Isso pode ser interessante, pois aí já se dispensa a necessidade de fidelidade à realidade que muitos leitores menos experientes buscam na literatura, isto é, se esse autor escreve de maneira simbólica, então não há por que buscar em sua obra uma relação de fidelidade com a realidade, ou o realismo. Ou então, se alguém souber, por exemplo, que Calvino é um autor italiano que lutou contra o fascismo, pode ser que a turma já relacione desde o início certas questões da obra com sua contextualização histórica e política.

Cabe ao docente sempre medir a quantidade de informação disponibilizada e discutida antes de adentrar no texto, pois, se houver condução demais para a entrada na leitura, o leitor deixará de estar disponível a mais possibilidades de interpretação, pois buscará contemplar aquelas leituras que o professor à princípio prometeu que encontraria no livro. Se for o caso, como veremos nas atividades interdisciplinares (*ver p. 26 deste material*), ainda pode-se optar por fazer uma aula de contextualização histórica, antes ou durante da leitura.

Por último, tendo em vista as informações que a turma tem sobre o livro, o autor e o contexto histórico, o professor pode propor que levantem algumas hipóteses acerca do que será encontrado na obra. Essa estratégia — que pode ser usada não somente antes de começar, mas também durante a leitura do livro — reafirma uma maneira de se relacionar com o texto que já é própria aos leitores experientes: estamos sempre pensando o que virá a seguir e, nesse movimento, vamos percebendo no texto as marcas que são deixadas pelo autor como pistas do que ainda será revelado. Nas obras de mistério, por exemplo, o uso dessas hipóteses parece claro, inclusive os autores desse gênero brincam com as expectativas do leitor, dando pistas falsas e verdadeiras. Porém, também nas outras formas literárias o leitor pode formular hipóteses. No caso de *O visconde partido ao meio*, temos o narrador como um elemento que passa um tanto despercebido, mas que revelará sua importância ao final da obra. Um leitor mais atento talvez perceba como a subjetividade desse narrador influencia o desenrolar da história e pode fazer uma leitura mais

complexa da obra. Desse modo, pode ser interessante inclusive sugerir que os estudantes prestem especial atenção a ele.

## LEITURA

### CAPÍTULOS 1 E 2: A GUERRA

O começo de *O visconde partido ao meio* é o encontro com um universo bastante singular, que exige um olhar cuidadoso e aberto. No primeiro capítulo, Medardo está indo para a guerra e depara com um cenário bastante precário, nada parecido com o que ele imaginava encontrar. Não há homens fortes e corajosos a empunhar espadas, mas cegonhas e groux que se tornaram canibais por falta do que comer, além de corpos e membros espalhados pelo chão. Trata-se de um cenário bastante grotesco e até escatológico, e os estudantes mais sensíveis não devem se incomodar com a presença de excrementos e membros amputados, talvez. Sem ter de demonstrar esforço e muito menos experiência, o jovem Medardo é nomeado tenente, e assim a escassez de homens se faz evidente. Logo na primeira batalha, que ocorre no capítulo 2, Medardo já é partido ao meio e, por mais incrível que pareça, sobrevive como metade.

Esse primeiro cenário de guerra, apesar de se dar só nos primeiros dois capítulos, é fundamental para entender todo o livro. Afinal, o visconde é partido ao meio apenas por conta dessa guerra, e as cicatrizes desse momento permanecerão com ele até o final da história. Em alguma medida, o romance de Calvino é sobre a guerra e seus efeitos. Não nos esqueçamos que a própria Europa acabara de sair de uma experiência tão grotesca quanto a de Medardo, nos anos 1930 e 1940.

Além disso, há um tom da leitura, repleta de exageros e alguns elementos cômicos, que aparecerá nos capítulos seguintes. Desse modo, esse primeiro contato com o livro merece a mediação do professor. Sugere-se que os dois primeiros capítulos sejam lidos em sala para esclarecer dúvidas e para que os jovens troquem ideias que os ajudem a compreender melhor a leitura. Vejamos como essa questão está colocada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Novo Ensino Médio:

**(EM13LP46)** Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

Discutir as obras, compartilhar as interpretações e análises é uma habilidade que se espera estar presente, se queremos formar bons leitores e perpetuar hábitos de leitura:

Para a escola, as atividades de compartilhar são as que melhor respondem a esse antigo objetivo de “formar o gosto” a que aludimos; porque comparar a leitura individual com a realizada por outros é o instrumento por excelência para construir o itinerário entre a recepção individual das obras e sua valorização social. (COLOMER, 2007, p. 144)

Como nos demonstra Teresa Colomer em seu fundamental *Andar entre livros*, ler com os outros traz diversas vantagens para a formação do leitor crítico.

Outra questão importante a ser abordada nesse começo de leitura é a contextualização histórica. (Neste material, na proposta de atividades interdisciplinares, falaremos um pouco mais sobre isso: p. 26-8.) No entanto, vale ressaltar que não há nenhuma pretensão de fidelidade histórica por parte de Calvino. A guerra contra os turcos que ele relata em seu livro parece estar localizada num período próximo à Idade Média e remete ao contexto das Cruzadas — porém, de uma maneira absolutamente fantástica e, mais importante, sem a pretensão de fazer uma análise aprofundada desse período. Calvino, nesse salto histórico, não procura falar da época em que a narrativa está localizada, mas sim do momento em que ele escreve, num paralelismo.

Essa é uma estratégia literária usada por muitos autores, e deve ser discutida com os estudantes. Ao voltarem para momentos passados ou mesmo prever em possíveis futuros, os escritores muitas vezes exploram esses contextos como alegorias do tempo em que escrevem, como ocorre nas distopias, por exemplo, ou em alguns romances históricos. No caso das distopias, os autores elaboram cenários futuristas, que muitas vezes envolvem ficções científicas, e nesse movimento de imaginar um futuro possível, olham de maneira crítica para o presente, colocando em jogo e destaque as características dos tempos em que vivem. No caso de *O visconde partido ao meio* temos o seguinte paralelismo: na ficção, um personagem que sai de uma guerra em tempos passados e leva consigo sequelas da experiência; e, na realidade, um autor que acabou ele mesmo de passar por uma das guerras mais impressionantes que o mundo já viu, tendo seu país participado dela: a Segunda Guerra Mundial. Como veremos adiante, o importante é poder ressaltar as estratégias literárias que o autor explora para tratar do seu período.

Por fim, sugere-se que os estudantes façam algum tipo de registro para pensar nos possíveis efeitos da guerra na vida desse personagem, tentando fazer previsões acerca da leitura.

### **CAPÍTULOS 3 A 6: ADMINISTRAÇÃO DO MAU VISCONDE**

Os capítulos 3, 4, 5 e 6 nos apresentam Terralba, seus habitantes e seus hábitos curiosos, sob a administração da metade má de Medardo. Trata-se de um momento da leitura bastante importante e que permite muitas discussões.

Em primeiro lugar, nessa parte deve ficar bastante clara a dimensão alegórica do livro e também como ela se aplica não só ao personagem principal, o visconde, mas também aos outros personagens. É bastante provável que os estudantes do Ensino Médio tenham estudado e lembrem-se do que é uma metáfora, recurso que interessa muito à literatura, embora não seja suficiente para falar desse livro. *O visconde partido ao meio* não pode ser considerado apenas um livro metafórico, na realidade essa figura de linguagem é pouco utilizada pelo autor. No entanto, em muitos sentidos, a alegoria pode ser compreendida como uma extensão da metáfora, assim pelo menos nos revela Tzvetan Todorov, ao falar sobre como a Antiguidade pensava esse recurso:

Em outros termos, uma metáfora isolada indica apenas uma maneira figurada de falar; mas se a metáfora é contínua, seguida, revela a intenção segura de falar também de outra coisa além do objeto primeiro do enunciado. [2017, p. 70]

Segundo essa definição, os personagens e o enredo de *O visconde partido ao meio* compõem metáforas não isoladas, mas contínuas, que vão sendo desenvolvidas ao longo do enredo. Em outras palavras, são como metáforas que se prolongam no tempo da narrativa.

Outra maneira de abordar esse recurso é recorrer a um simples dicionário, que definirá *alegoria* como uma representação figurativa de uma ideia — isto é, para tratar de um tema, usa-se uma imagem que a represente. Ainda é possível utilizar outras definições que o professor ache pertinentes para abordar essa estratégia com os estudantes, o importante é compreender como esse recurso aparece no livro e também como ele pode ser explorado literariamente.

Outra importante discussão é que se relaciona com a presença de alegorias no livro diz respeito à literatura fantástica. Também Todorov é o teórico que aborda

esse gênero e conceitualiza os elementos presentes em todo conto fantástico. Apesar de não ser possível aplicar indiscriminadamente ao romance as noções relativas ao conto, muitas das observações feitas por esse autor em *Introdução à literatura fantástica* podem se aplicar ao livro de Calvino.

Nesse texto, Todorov prevê dois elementos importantes a todo conto fantástico: o elemento fantástico e a hesitação. Como explicamos no início deste material (*ver p. 10-1*), o primeiro consistiria em algo que, em meio à realidade, foge ao real; o segundo se relaciona à noção de que, em todo conto fantástico, há a possibilidade do elemento fantástico ser apenas fruto de coincidências, ou de fato apresentar-se de maneira mágica na realidade. Quanto ao elemento fantástico, na obra de Calvino aparece de maneira evidente: Medardo está dividido ao meio e não só sobrevive como também se divide igualmente entre mal e bem. Quanto à hesitação, no fim da obra o narrador dá a entender que é um jovem muito solitário que vive contando histórias a si mesmo. Tendo isso em vista, poderíamos compreender que a narrativa é, na realidade, uma dessas histórias que o narrador conta para si, como uma visão fantasiosa que ele tem da realidade, como se ele ficcionalizasse a partir de elementos do real para compreendê-lo. Talvez essa leitura da hesitação seja mais frágil, mas de maneira alguma dispensável.

Não convém tratar da hesitação com os estudantes quando eles ainda estiverem no meio da leitura do livro, mas vale a pena conhecer a teoria de Todorov para retomá-la em alguns momentos da leitura, tanto durante como no fim.

Seria interessante ler com a turma algum conto fantástico, caso os estudantes não tenham experiência com esse gênero, para que possam compreender a aplicação desses conceitos em uma obra literária. Recomenda-se a leitura de contos que se encaixem no modelo todoroviano, como “A mão do macaco”, de W. W. Jacobs, ou “A continuidade dos parques”, de Julio Cortázar. Essa ida ao conto para materializar os conceitos pode se dar tanto antes como no meio da leitura, conforme os interesses e as referências do grupo.

### **PROPOSTA DE PRODUÇÃO**

Para compreender melhor como funciona a literatura fantástica, assim como a alegoria enquanto recurso, pode-se sugerir que eles façam uma breve produção enquanto estão lendo a obra. O interessante de fazer essa pausa em meio ao processo de contato com o livro e depois voltar é a possibilidade de haver um novo

olhar para a leitura, contaminado pela experiência de escrita. Quando o jovem escreve tendo em vista o mesmo gênero que está lendo, então tem oportunidade de compreender de forma mais aprofundada as estratégias de escrita que o autor deve manipular, uma vez que se colocou no seu lugar.

Essa proposta de escrita pode levar em conta tanto o conceito de alegoria como de literatura fantástica. Aqui, daremos apenas uma sugestão, é possível adaptá-la de diversas maneiras. Os estudantes planejarão um conto fantástico criando um personagem alegórico e contando com as características descritas por Todorov (*ver p. 10-1 e 19-20 deste manual*). Sugere-se que o personagem seja descrito mais detalhadamente do que o enredo do conto.

Uma opção é pedir que os jovens inventem um personagem tendo como modelo os personagens do livro de Calvino, que são, como já vimos, caricaturais, exageradas e alegóricas. Será preciso pensar, além dessas características da composição, em personagens que sejam coerentes com o universo do livro. Assim é possível também avaliar a leitura com base na coerência entre o que escreveram e como esses personagens aparecem na obra, bem como sua relação com os demais personagens. Outra opção é pedir que eles planejem um conto a partir de um homem que se divide em duas partes também, mas assimilando outras características, que não a bondade e a maldade. Por fim, ainda podemos sugerir que os estudantes escrevam a partir de um elemento fantástico que se dê no corpo do personagem, como ocorre no caso de *O visconde partido ao meio*.

Para planejar o personagem, espera-se que os estudantes levem em consideração suas características físicas e psicológicas, bem como a relação entre elas. Ademais, podem nomeá-lo, fazer uma árvore genealógica de sua família, pensar em seus hábitos alimentares, seus medos, seus sonhos etc. A dimensão dessa atividade cabe ao professor determinar, pensando no tempo didático disponível e na pertinência.

Já para planejar o enredo, os estudantes pensarão no espaço em que se passará a narrativa, no elemento fantástico, na hesitação, no narrador, no tempo da narração, na situação inicial, no conflito, no desenvolvimento do conflito, no desfecho, isto é, nos elementos e na estrutura da narrativa.

Ao final da leitura do livro, esse planejamento pode ser retomado para eventualmente ser desenvolvido e compor uma coletânea de contos com as produções de todos os jovens.

## CAPÍTULO 7 A 9: CHEGADA DA METADE BOA

No capítulo 7, chega também à história a metade boa do visconde. Por mais da primeira metade do livro o leitor conhece as atrocidades e o sadismo do mau Medardo, sem saber que a bondade sobrevivera em uma parcela andante de seu corpo. Em determinado momento, os habitantes de Terralba ouvem dizer que “o bom” também existia e começam a depositar grandes expectativas em relação a essa figura, afinal, talvez ela pudesse impedir a parte má de matar e torturar.

Assim que chega, o bom Medardo é muito bem recebido pela população, todos estão felizes com sua presença e animados com os benefícios que ele pode trazer ao povoado. No entanto, ele começa a exercer um domínio sobre a cidade — e, de tão caridoso e altruísta, acaba prejudicando as pessoas. É Sebastiana, a ama de leite da família, a personagem que serve de alerta ao leitor em relação a essa característica da metade boa do visconde: por não distinguir uma parte da outra, a ama vê ambas como muito malandras e conta, por exemplo, que a muleta que Medardo bom deu a um velho chamado Isidoro foi usada para bater em sua mulher:

— Ele me disse que não conseguia andar por causa da gota...

— Fingia... E você correndo lhe oferece a muleta... Acaba de quebrá-la nas costas da mulher e você anda se apoiando numa forquilha... Cabeça oca, não passa disso! E sempre foi assim! E quando você embebedou o touro de Bernardo com aguardente?

— Esse não era eu...

— Como não? Se todos dizem: é sempre ele, o visconde! [p. 85]

Assim, as boas ações da metade altruísta do Medardo acabam por prejudicar muitas das pessoas, por conta de sua incapacidade de ver a maldade nos outros, de sua ingenuidade. Ao fim do capítulo 9, inclusive, temos um trecho que deixa evidente o descontentamento da população em relação a ele:

— Ainda bem que a bala do canhão só o dividiu em dois — diziam todos — , se o cortasse em três quem sabe o que nos tocara pela frente. [p. 86]

A discussão acerca da metade boa de Medardo pode também levar a uma reflexão sobre uma questão bastante em voga hoje: a empatia. Ao ser completamente bom, sem conhecer o outro a quem está ajudando, a metade do visconde não está sendo empática, pois desconhece as necessidades dos outros. Para serem empáticos

uns com os outros, é preciso que os seres humanos consigam olhar para aqueles com quem estão se relacionando, dialogar e compreender o que os outros precisam. Não é isso que ele faz, pois parte de seu próprio julgamento acerca da vida alheia, ajudando da forma como ele acredita ser a melhor, e assim acaba prejudicando alguns a quem pretendia ajudar, pois não tem a escuta necessária para tal. Pode ser muito interessante trazer essa discussão à tona para perceber que a bondade não garante que façamos boas ações, é necessário também haver empatia.

Dessa forma, além de evitar uma metade, a população de Terralba passou a ter de evitar as duas, as quais, em seus exageros, acabavam por se assimilarem: tanto a bondade extrema como a maldade extrema pareciam-se em suas desmedidas e prejudicavam os outros.

Antes de terminar a leitura do livro, é fundamental discutir um dos temas mais evidentes: o equilíbrio humano. Tendo-se deparado com o fato de que nem o bem puro é bom, que até ele pode causar o mal, então é necessário conversar sobre como, no dia a dia, é importante buscar esse equilíbrio nas relações interpessoais, na hora de tomar nossas decisões, na realidade em todos os âmbitos. Para os adolescentes, que estão em plena formação moral e tendem a estar sempre testando os próprios limites, bem como os alheios, essa discussão é muito enriquecedora. Certamente eles já se depararam com situações em que foi difícil decidir por uma ou outra ação, já erraram e tiveram de se rever, estamos fazendo isso a todo tempo, porém, nessa fase tão complexa e decisiva da vida em que eles estão, nessas decisões também está envolvida a formação de parâmetros de nossa moralidade.

Por ser fantástico e se passar num universo ficcional, pode parecer a princípio que esse livro não permite tanto que os estudantes se coloquem subjetivamente e, de fato, deve ser mais difícil identificar-se com os personagens esquisitos e exagerados do universo de Calvino. No entanto, o fato de se tratar de uma narrativa alegórica dá ao leitor a liberdade de relacionar os eventos apresentados na história com sua realidade. Tendo isso em vista, pode ser importante estimular os estudantes a dizerem o que pensam sobre *O visconde partido ao meio* e quais relações estabelecem entre esse romance e a própria realidade, num movimento de aproximar o leitor da obra.

## ÚLTIMO CAPÍTULO

Caso não seja de escolha do docente ler todo o livro em sala, recomenda-se que o último capítulo, em especial, seja lido de forma compartilhada. Assim como

foi o caso dos primeiros dois capítulos, esse último também ganha uma profundidade de leitura com orientação do professor, pois encerra algumas questões e abre outras importantes para a análise e interpretação da obra toda.

No último capítulo do livro, haverá o duelo entre as duas metades pelo amor que têm em comum: Pamela. Junto com Pedroprego e dr. Trelawney, a moça bolou um plano para unir as duas partes de Medardo em um homem só e, surpreendentemente, esse plano deu certo. Tendo em vista os contos fantásticos e a teoria de Todorov, seria coerente que *O visconde partido ao meio* tivesse um final aberto, pois finais fechados encerram a interpretação, eliminando a possibilidade de hesitação. Por um lado, o livro de Calvino tem um fim em que quase todos os conflitos se resolvem com a união das duas metades de Medardo, quase num “viveram felizes para sempre”, não fosse a presença do narrador.

Por estar sempre observando, narrando com certo distanciamento e não se colocar com frequência em primeira pessoa, o leitor quase se esquece de que o narrador é também personagem dessa história. No entanto, essa não é uma informação que deve ser ignorada, pelo contrário. Se, por um lado, o final parece completamente fechado, se observamos o ponto de vista do narrador, trata-se de um final aberto. Ao contrário dos personagens principais, o narrador termina o livro infeliz e solitário, sem ter resolvido nenhum de seus conflitos internos, que na verdade parecem evidentes apenas no fim. Como já foi citado nesse material anteriormente, nesse momento revela-se uma possibilidade de hesitação, a de que a história que acabamos de ler seja fruto de uma mente imaginativa e jovem:

Eu chegara ao limiar da adolescência e ainda me ocultava entre as raízes das grandes árvores do bosque para me contar histórias. Uma agulha de pinheiro podia representar para mim um cavaleiro ou uma dama ou um bufão; movimentava-a diante de meus olhos e me exaltava em relatos intermináveis. Depois ficava com vergonha dessas fantasias e fugia. [p. 95]

Como podemos ver, ele afirma que fantasiava contando histórias a si mesmo e repete essa informação logo em seguida, num espaço de poucos parágrafos. Apesar de não ser citada essa prática anteriormente no livro, sabemos que se trata de uma criança entrando na adolescência, portanto, alguém que ainda é capaz de fantasiar sozinho de maneira lúdica. É hora então de retomar as discussões sobre a literatura fantástica com os estudantes e encerrar a leitura nesse momento, atentando para essa possibilidade de hesitação que se configura.

Esse final também é um bom momento para instigar uma conversa sobre outras características desse narrador, como sua idade. Ele afirma que estava no “limiar da adolescência”, na entrada de uma fase que, de fato, os indivíduos começam a envergonhar-se de suas fantasias solitárias e buscam maior conexão com o grupo. Os jovens do Novo Ensino Médio, por estarem próximos ao final dessa fase, terão muito a compartilhar sobre esse momento tão complexo da vida, e o último capítulo traz uma boa oportunidade para fazerem isso, com a mediação do professor.

## **PÓS-LEITURA**

### **PRODUÇÃO DE CONTO FANTÁSTICO**

Após a leitura, o professor pode retomar o planejamento feito pelos estudantes para a produção textual de um conto fantástico e sugerir que revejam o que escreveram, procurando melhorar o plano inicial, com o objetivo de agora escrever de fato o conto. Essa é uma forma de se avaliar a compreensão que eles tiveram dos conceitos de Todorov, bem como de outras estratégias de escrita. Além disso, como previsto na BNCC, convém a ater-se à produção textual com cuidado:

**[EM13LP15]** Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.

Também convém possibilitar que os estudantes compartilhem seus escritos com a turma, pois a interlocução com os pares pode dar outros sentidos para a dimensão da recepção estética. Se o professor julgar interessante, pode, por exemplo, promover a criação de um site ou blog para esse compartilhamento, compondo uma coletânea de contos fantásticos.

## **PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO**

*O visconde partido ao meio*, sem dúvida, é um livro que permite uma série de intertextualidades com áreas do conhecimento diversas. Essa característica já ficou evidente neste material, quando anteriormente nos referimos a eventos históricos e como essa camada de relação com a história amplia muito a interpretação da obra. Indicamos a seguir algumas possibilidades de trabalho intertextual, em especial ao professor de História. Também esta parte do material estará subdividida em *pré-leitura*, *leitura* e *pós-leitura*, a fim de ajudar na organização e no planejamento das aulas.

### **CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS: HISTÓRIA/SOCIOLOGIA**

#### **PRÉ-LEITURA**

##### **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA**

Como vimos neste material anteriormente, a leitura de *O visconde partido ao meio* tem muito a ganhar em complexidade se levar em consideração o contexto histórico no qual a obra foi escrita. Estamos falando dos anos 1950, na Europa, continente que acabara de vivenciar a mais mortal das guerras que a humanidade já vira, a Segunda Guerra Mundial (1949-50), e que ainda digeriria os horrores do Holocausto (1941-45), o extermínio em massa de um povo. Não só a Itália, mas o mundo todo vivia o que se chamou de “pós-guerra”, e esse período ficou marcado pela grande influência dos efeitos das duas Grandes Guerras na vida e nas artes.

Serão propostas aqui atividades mais específicas levando em consideração esses períodos históricos, de modo que não nos deteremos em detalhes sobre as relações entre esses eventos e o livro em questão. Porém, sugerimos que o professor de Língua Portuguesa considere contar com a ajuda de outros componentes curriculares para realizar o trabalho de leitura de *O visconde partido ao meio* e, se desejar, faça uma apresentação do livro com apoio de uma contextualização histórica e sociológica.

Planejando essa introdução em parceria com os especialistas desses outros componentes curriculares, os professores envolvidos podem considerar em grupo o

que vale a pena apresentar aos estudantes antes da leitura, o que seria interessante que os próprios jovens pesquisassem e o que deve ser abordado enquanto os estudantes estiverem lendo. Não há uma fórmula perfeita que discrimine o que dizer ou não, o que apresentar e o que deixar que os estudantes descubram sozinhos, no entanto, é preciso levar em consideração quais são as reflexões e informações que eles podem conseguir de forma autônoma e quais devem ser fornecidas e mediadas pelo professor, inclusive pensando em quanto tempo didático cada componente curricular pode dedicar a cada uma das propostas. Além disso, é muito importante que os docentes avaliem a progressão curricular de sua turma, pensando nos assuntos que já foram abordados em momentos anteriores e que podem ser apenas retomados no começo da leitura, mas também naqueles que ainda serão abordados nos anos seguintes.

Sugeriremos alguns assuntos que podem ser tocados antes da leitura, mas é essencial sempre deixar espaço para que os estudantes se coloquem e coloquem em jogo seus conhecimentos, isto é, mesmo que se opte por uma aula expositiva, que haja espaço para diálogo.

Talvez antes de começar a leitura do livro caiba contextualizar ou retomar os eventos da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, principalmente a última. Foi esse momento fervilhante da história do mundo que deu origem a *O visconde partido ao meio*. Tudo nos leva a crer que Calvino escreve sob a influência desses eventos, inclusive se remetendo indiretamente a eles, fazendo uma leitura do presente — lembremo-nos de que os primeiros dois capítulos se passam numa guerra grotesca e altamente mortífera. O horror e a bizarria presentes nesses capítulos, em imagens como membros espalhados no chão sobre o estrume humano, aproximam-se das experiências terríveis da guerra e dos campos de concentração.

É importante ressaltar, no entanto, que não é interessante adentrar ainda nesse momento nos meandros da narrativa, nem fazer relações prévias com o enredo e os personagens, pois a intenção da contextualização é, ao abordar previamente elementos fundamentais do período, dar elementos com os quais os estudantes possam relacionar a leitura à história enquanto estiverem lendo, e não realizar essas relações por eles.

Nesse momento prévio, o professor também pode instigar sua turma, perguntando: como produzirá um artista que viveu na Itália, palco de muitas das disputas da mortífera Segunda Guerra Mundial? Como será que sua sensibilidade absorveu e digeriu eventos tão arrebatadores?

Cabe também lembrar que Italo Calvino participou da resistência ao regime fascista que esteve em vigor na Itália, em paralelo ao nazismo alemão. Não é possível falar de Segunda Guerra Mundial sem pensar nos horrores do nazismo, ainda assim, cabe salientar o quanto a Itália viveu o seu próprio e violento regime de exceção. Durante a leitura, talvez os estudantes possam se lembrar disso e associar esse contexto à administração da metade má de Medardo.

Por fim, pode ser interessante dar aos estudantes um panorama da arte literária do período, pensando nas seguintes habilidades da BNCC, entre outras:

**[EM13LP50]** Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

**[EM13CHS503]** Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

**[EM13CHS504]** Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Sem dúvida será uma boa oportunidade para compreender a obra de Calvino num contexto estético mais amplo.

## LEITURA

### A CIÊNCIA EM TEMPOS DE GUERRA, O NAZISMO, DR. TRELAWNEY E MESTRE PEDROPREGO

Há dois personagens em *O visconde partido ao meio* que permitem uma leitura alegórica do papel da ciência durante as duas Grandes Guerras e em especial no interior do regime nazista. Estamos falando evidentemente de dr. Trelawney e mestre Pedroprego.

O primeiro é um médico inglês que viajava com a tripulação do capitão Cook (explorador e navegador inglês que de fato existiu): ele chega em Terralba muito mais interessado no vinho típico da região do que nos possíveis pacientes. Como o narrador descreve, logo se percebe que ele não tem muita serventia para tratar de doentes, pois prefere investigar fogos-fátuos ou uma doença extremamente rara presente em grilos:

[...] mas eu começava a pensar que ele havia se tornado médico só por imposição familiar ou conveniência, e que tal ciência absolutamente não lhe importava. Talvez a sua carreira de médico de bordo tivesse existido somente pela habilidade no jogo de vinte e um, motivo por que os mais famosos navegantes, o capitão Cook em primeiro lugar, disputavam-no como parceiro de jogo. (p. 34)

Não bastasse sua falta de aptidão e desejo para tratar dos doentes, logo adiante diversos habitantes de Terralba são condenados arbitrariamente à morte e dr. Trelawney se instala numa casinhola próxima ao cemitério para observar os efeitos dos novos cadáveres na produção de fogos-fátuos. Essas interessantes combustões espontâneas são alimentadas pela presença de novos corpos em putrefação. Diante desse evento e tendo em vista a dimensão alegórica da obra de Calvino, devemos pensar sobre como a ciência é retratada, através desse personagem, como grande beneficiária da morte.

Essa hipótese de leitura pode ser reafirmada se voltarmos aos primeiros capítulos, nos quais os médicos de guerra contra os turcos se interessam mais pelo bizarro homem que foi partido ao meio do que pelos soldados que estavam a morrer:

Os médicos: todos contentes. “Uh, que maravilha de caso!” Se não morresse logo, até podiam tentar salvá-lo. E todos o rodearam, enquanto os pobres soldados com uma flecha no braço morriam de septicemia. [...] (p. 20)

A cena sem dúvida é grotesca, cômica e crítica. Em meio aos horrores da guerra, interessa mais o espetáculo da ciência de então e suas possibilidades extravagantes do que salvar vidas.

Como não pensar nos experimentos nazistas? Um dos horrores mais impressionantes do Holocausto.

Este é um assunto delicado e que exige muito cuidado para ser tratado em sala de aula, uma vez que certos experimentos podem acabar embrulhando os estômagos dos estudantes. Estamos falando de cientistas que usaram aqueles que estavam em campos de concentração como cobaias humanas: [www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1406200101.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1406200101.htm) (acesso em: 4 nov. 2020).

Trata-se de obras sadistas, sem dúvida, e também obras de um período em que a própria vida humana, a depender qual fosse, não tinha valor algum, seres humanos eram exterminados em massa simplesmente por conta de sua origem.

A eugenia estava em voga e muitos desses experimentos tinham como objetivo comprovar a superioridade ariana.

Apesar de não ser uma ideia de origem alemã, mas sim estadunidense, a **eugenia** caiu como uma luva nas mãos de Hitler e da ideologia nazista. Esta ideia tem como pressuposto a possibilidade de modificar as raças humanas, em busca de uma suposta melhora genética, através de intervenções sociais. Nos termos nazistas, isso significaria a arianização da população, tendo como referencial de ser humano mais “puro” aquele cuja genética é mais própria dos indivíduos nórdicos, ou arianos. Evidentemente essa ideia justificou a eliminação de milhares de judeus, dentre outros que possuíam genes indesejáveis, como os homens negros.

Em prol de descobertas científicas que visavam à melhoria do homem e das raças, essas experimentações chegavam a um nível de grotesco que ultrapassava a simples curiosidade científica.

Mengele injetou tinta azul em olhos de crianças, uniu as veias de gêmeos, jogou pessoas em caldeirões de água fervente, amputou membros de prisioneiros, disseçou anões vivos e coletou milhares de órgãos em seu laboratório. (REZENDE, 2006)

Não há dúvida de que trazer essas questões para sala exigirá bastante mediação dos professores, mas como ignorar essa questão e a similaridade desses experimentos com os dos médicos do livro de Calvino?

Sugere-se, então, que essa discussão comece pela indagação: como a ciência aparece retratada no livro *O visconde partido ao meio*? A partir daí, o professor pode pedir que os estudantes escrevam ou discutam em subgrupos sobre esse assunto, sem recorrer a elementos externos. Em seguida, quando as hipóteses forem levantadas e eles conseguirem pensar sobre a dimensão alegórica do livro, convém trazer as informações sobre os experimentos nazistas (avaliando cada turma e com bastante cuidado) e quaisquer outras observações importantes para pensar como a ciência aparece no livro.

Lembrando que a dimensão alegórica do livro não deve nunca sair de pauta, ao trabalhar essa obra é fundamental sempre levar em consideração que Calvino estava fazendo uma leitura de seu tempo. Nesse sentido, uma abordagem dos paralelismos entre a narrativa e os eventos históricos enriquecerá muito a experiência literária dos estudantes e também os ajudará a compreender estratégias de escrita complexas. Porque não é tão óbvia a relação com a história do século xx e Calvino se utiliza das alegorias de maneira indireta — resulta dessas reflexões o aprendizado de que a literatura pode abordar as temáticas desejadas sem ser taxativa ou explícita. Isso contribui para que os estudantes percebam as muitas camadas que uma obra de arte pode ter, em quantas chaves de leitura é possível enxergar um livro e, nesse sentido, quão importante é o papel do leitor, que compõe junto do escritor a leitura, ao relacionar-se com ela. *O visconde partido ao meio* pode ser compreendido como uma narrativa fantástica que trata do equilíbrio, mas também como uma alegoria do pós-guerra.

Por fim, temos ainda outro personagem que fará coro a essa interpretação de que Calvino faz uma leitura do papel da ciência na primeira metade do século xx: mestre Pedroprego. Albardeiro e construtor, Pedroprego é extremamente habilidoso, tem a capacidade de construir as engenhocas mais incríveis. Com a chegada do visconde mau, vê-se obrigado, à despeito de sua vontade, a construir máquinas, matar e torturar:

Nessa trágica conjuntura, mestre Pedroprego havia aperfeiçoado bem a sua arte de construir forcas. Tinham se tornado verdadeiras obras-primas de carpintaria e de mecânica, e não só as forcas, mas também os cavaletes, os guindastes e os demais instrumentos de tortura com os quais o visconde Medardo arrancava as

confissões dos acusados. Eu ia frequentemente à oficina de Pedroprego, pois era um grande prazer vê-lo trabalhar com tanta habilidade e paixão. Mas uma aflição pesava sempre no coração do albardeiro. O que ele construía eram patíbulo para inocentes. “Como posso”, pensava, “aceitar construir algo tão engenhoso mas que tem um objetivo diferente? E quais poderão ser os novos mecanismos que eu construirei com mais boa vontade?” Mas não obtendo resposta para tais questões, tratava de expulsá-las da mente, esforçando-se em fazer as instalações mais bonitas e engenhosas que podia. [p. 35]

Como vemos no trecho, aqui novamente a ciência está a favor da morte, não da vida. A princípio, poderíamos pensar que se trata apenas da influência do visconde mau e que, com a presença do bom, isso mudaria. Mas não é isso o que ocorre, quando o bom Medardo chega e encomenda suas máquinas de fazer o bem, Pedroprego se vê incapaz de realizá-las. Diante dessa impossibilidade, se pergunta se construir máquinas boas não estaria para além das capacidades humanas ou se ele próprio guardava a maldade em sua alma (p. 82).

Independentemente da maldade do personagem, que de fato aparenta ser um bom sujeito no curso da narrativa, vemos a ciência, para além da medicina, retratada como força que ajuda a promover a morte, e não o contrário. Pensemos nas relações disso com a invenção da bomba atômica, dentre outras descobertas científicas do século xx que surgiram para aniquilar o homem.

O professor de História pode neste momento conversar com os professores de Ciências da Natureza (biologia, química ou física), e desenvolverem um trabalho para abordar esses temas. Além da discussão proposta anteriormente sobre a representação da ciência na obra de Calvino, também é possível pensar numa pesquisa, por parte dos estudantes, sobre como as descobertas científicas dos últimos tempos podem ajudar a salvar vidas, entendendo essa potencialidade.

Procurando uma abordagem mais filosófica, ainda é possível propor um debate sobre o papel da ciência na sociedade. Em situações como essas, é comum que os estudantes se dividam em opiniões contraditórias, por isso o papel do professor é ajudá-los a sustentar sua argumentação e promover o debate de maneira respeitosa. Além disso, pode ser parte da proposta uma preparação prévia das falas, com ênfase nas habilidades orais, como vemos na seguinte habilidade da BNCC:

**(EM13LP16)** Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

Esse debate também pode ter como objetivo alimentar produções de texto argumentativas, nas quais os estudantes escrevam o que pensam sobre a questão, a partir das falas dos debatedores e dos dados históricos. Ademais, é importante a garantia, não só do componente curricular de Língua Portuguesa, de que os estudantes discutam e troquem impressões sobre um texto para poderem compreendê-lo com mais profundidade:

**(EM13LP46)** Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

## **APROXIMAÇÕES AO PÓS-GUERRA E À GUERRA FRIA: ESTAMOS DIVIDIDOS AO MEIO?**

Calvino e muitos outros artistas produziram parte fundamental de suas obras no período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial. Esse que ficou conhecido como pós-guerra é o período que vai de 1945, quando a guerra acaba, a 1989, com a derrubada do muro de Berlim.

Na sequência da Segunda Guerra Mundial, a perspectiva da Europa era de miséria e desolação total. Fotografias e documentários da época mostram fluxos patéticos de civis impotentes atravessando paisagens arrasadas, com cidades destruídas e campos áridos. Crianças órfãs perambulam melancólicas, passando por grupos de mulheres exaustas que reviram montes de entulho. Deportados e prisioneiros de campos de concentração, com as cabeças raspadas e vestindo pija-

mas listrados, fitam a câmera, com indiferença, famintos e doentes. Até os bondes parecem traumatizados — impulsionados por corrente elétrica intermitente, aos trancos, ao longo de trilhos danificados. Tudo e todos — exceto as bem nutridas forças aliadas de ocupação — parecem surrados, desprovidos de recursos, exauridos. (JUDT, 2008, p. 27)

Não à toa, Calvino descreve em seu livro pessoas e ambientes sem nenhuma idealização. Pelo contrário, a ingenuidade e as ilusões não têm lugar algum em *O visconde partido ao meio*. Trata-se de um livro extremamente crítico, ácido, por vezes grotesco, que desvela o que há de mais rasteiro no homem, seja o egoísmo de dr. Trelawney, a malandrice dos leprosos ou a verruga enorme da ama Sebastiana. Temos na linguagem do autor uma crueza que decorre do contexto e do ambiente em que ele escreveu. Na Europa do pós-guerra, ninguém mais duvidava das partes terríveis da existência, do pior que pode ser desvelado no ser humano.

Porém, a política não dá tréguas, então, além da desolação característica do pós-guerra, também o mundo assistiu nesse período ao que chamamos de Guerra Fria. Esse conflito que dividiu o mundo entre políticas de esquerda, sob influência da União Soviética, de direita, sob o primado dos Estados Unidos. Essa divisão teve como um dos maiores ícones a cidade de Berlim, que se viu dividida ao meio por um muro: a metade oriental era comunista e a ocidental, capitalista. Essa separação da cidade durou até 1989, momento em que foi derrubado o muro e esse período dado como encerrado.

Como sabemos, uma das alegorias mais evidentes do livro é justamente a divisão do personagem principal em dois: não só Medardo, mas também Berlim e o mundo viam-se divididos no momento em que o escritor italiano Italo Calvino publicou seu livro. De muitas maneiras, até hoje vivemos disputas políticas — no Brasil e no mundo — que giram em torno dessas questões. O mundo que viveu os horrores das guerras da primeira metade do século xx travou uma batalha ideológica e silenciosa nos anos seguintes.

A relevância desse período para o currículo de história é indiscutível, e aqui a proposta é que o trabalho seja feito de modo interdisciplinar, na medida em que diz respeito ao livro *O visconde partido ao meio* e às estratégias literárias que o autor lança mão para abordar o assunto.

Nesse sentido, para que a reflexão também ganhe prática e não fique apenas na abordagem teórica, se houver tempo didático, os professores podem investir na

escrita de um texto analítico relacionando o livro ao período do pós-guerra. Esse texto deve ter caráter interpretativo, lançando mão das discussões que forem feitas em sala de aula durante a leitura.

Do ponto de vista da progressão da proposta, é recomendado que as aulas sobre o pós-guerra e a Guerra Fria sejam feitas durante a leitura, para que a impactem; porém, uma proposta de produção textual analítica deve ser feita após o final do livro. Uma vez que estamos tratando de uma alegoria, só teremos dimensão de seu alcance quando pudermos ver o retrato total da obra.

Essa produção textual exigirá o apoio dos professores de Língua Portuguesa no que diz respeito à escrita e à análise. Conteúdos linguísticos devem ser acionados e aprendidos para fazer uma boa análise, bem como estratégias de leitura. Do ponto de vista textual, uma produção de maiores dimensões mobilizará o olhar do estudante para a estruturação do texto, a progressão temática, a paragrafação, entre outros aspectos a serem mais bem definidos pelo docente.

Pode-se também optar por um trabalho mais ou menos argumentativo, no qual seja preciso defender uma visão específica acerca da obra. Para isso, o jovem terá de pensar em como relacionar o livro aos eventos históricos sem incorrer em interpretações equivocadas. A atividade demandará conhecimentos histórico e sociológico suficientes para poder argumentar com exemplos ilustrativos.

Como foi feito neste material anteriormente, os estudantes podem escolher, por exemplo, analisar apenas um personagem e relacioná-lo ao período. Ou pensar em partes do enredo ou do espaço, aspectos do narrador ou da linguagem. Há uma variedade de abordagens que podem ser escolhidas para dar conta dessa análise, cabe aos professores pensarem o quanto delimitarão o trabalho.

## **ARTE**

### **PÓS-LEITURA**

A guerra é tema de diversas obras de arte, não apenas na literatura, mas também no cinema, nas artes visuais, no teatro, na música. As possibilidades de trabalho interdisciplinar pensando nesse tema são múltiplas e diversos artistas poderiam servir como base para uma pesquisa nesse campo. Tendo isso em vista, o professor de História e Língua Portuguesa pode pensar num trabalho aprofundado em conjunção com os componentes curriculares de **Arte**.

Sugerimos que, após o fim da leitura de *O visconde partido ao meio*, os estudantes desenvolvam um trabalho de representação/leitura da guerra através das artes visuais. Para isso, podem pensar em conflitos que estão em curso no mundo, ou em guerras que aconteceram. Lembrando a importância de garantir a variabilidade dos produtos propostos para os estudantes:

**(EM13LP54)** Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias — mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico —, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, fanfics, fanclips etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

Talvez seja interessante deixar a possibilidade de os estudantes escolherem qual conflito pretendem representar em seu trabalho e, no momento em que o produto final for apresentado ao professor e ao público, eles relacionem o que fizeram com o evento histórico. Ao mesmo tempo, se houver uma decisão por falar mais aprofundadamente de uma guerra em particular, então os trabalhos permitirão observar diferentes pontos de vista acerca de um mesmo evento. Por um lado, dar a possibilidade de escolha aos estudantes prevê certa autonomia na pesquisa e, ao mesmo tempo, os estimula a se engajarem mais. Por outro lado, delimitar parcialmente o escopo de trabalho tranquiliza aqueles estudantes para os quais a decisão pode ser um processo mais difícil ou angustiante.

Durante a construção do trabalho, será necessário o apoio do professor de História para que os estudantes compreendam mais sobre o que estão retratando. No entanto, não é necessário exigir dos estudantes uma coerência histórica. Afinal, esse é um trabalho de produção artística relacionado a um livro de Calvino que, por sua vez, não tem comprometimento com a verdade dos fatos históricos. Na arte, não se trata dos fatos com o objetivo de estar fiel à realidade, mas de tensionar a relação do homem com o mundo. No caso de *O visconde partido ao meio*, por exemplo, estamos inclusive falando de uma obra completamente fantástica, mas que, em sua ficção, trata de questões muito profundas relacionadas ao período em que foi publicada. Isto é, não é necessário, para retratar um período ou um evento, contar o que ocorreu ou, no caso das artes visuais, ilustrar o que ocorreu da maneira como ocorreu. A ficção e o abstrato nos permitem falar na arte do que há de mais complexo no mundo, sem ter de se comprometer com o realismo.

Parte fundamental desse processo será fornecer referências outras que não apenas as de Italo Calvino. O professor de Arte pode ter aí papel fundamental. Sugerimos focar na produção das artes visuais, porém as referências podem vir de diferentes linguagens artísticas. Seguem-se algumas indicações de artistas e obras que podem servir de referência:

- *Guernica* (1937), de Pablo Picasso (1881-1973): uma das mais conhecidas telas que retratam abstratamente a guerra. Pode ser vista em: **[www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/guernica](http://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/guernica)**. Acesso em: 27 nov. 2020.
- Otto Dix, pintor (1891-1969). Contemporâneo de Calvino, Dix foi veterano da Primeira Guerra Mundial e assistiu à Segunda, e em seu trabalho trata diretamente desse cenário grotesco e violento. As relações entre seus quadros e o ambiente descrito nos primeiros capítulos de *O visconde partido ao meio* são impressionantes.
- Francisco de Goya, pintor (1746-1828). Uma das maiores vozes artísticas do século XIX, Goya pintou uma série de gravuras intitulada *Os desastres da guerra*, que também estabelece enorme conexão com o cenário de Calvino.
- Käthe Kollwitz, pintora (1867-1945). Essa desenhista, pintora, gravurista e escultora alemã também retratou as guerras da primeira metade do século XX numa série impressionante de gravuras chamada *Guerra*.

Há muitas outras referências, sem dúvida, de modo que o professor de artes pode selecionar o que cabe melhor para sua turma e seu curso. É possível também optar por restringir as técnicas artísticas, a depender do que estiver sendo estudado no momento do curso.

Por fim, é bastante importante garantir que os trabalhos elaborados tenham algum público que não somente os professores. Desde poder expor para os colegas da turma, contando sobre como foi o processo artístico, até uma exposição de maior visibilidade na escola, são estratégias válidas para que o trabalho dos estudantes ganhe um sentido. Optando-se por um evento de maior porte, pode ser interessante envolver outros segmentos da escola, fazendo dessa uma oportunidade para trocas culturais.

Estas propostas estimulam nos estudantes habilidades de Língua Portuguesa e de Linguagens e suas Tecnologias, em especial:

**(EM13LP47)** Participar de eventos (saraus, competições orais, audições, mostras, festivais, feiras culturais e literárias, rodas e clubes de leitura, cooperativas culturais, jograis, repentes, slams etc.), inclusive para socializar obras da própria autoria (poemas, contos e suas variedades, roteiros e microrroteiros, videominutos, playlists comentadas de música etc.) e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

**(EM13LGG601)** Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

**(EM13LGG603)** Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

## **APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA**

A obra de Italo Calvino pode ser considerada uma das mais complexas do século xx. Marcada pela presença do fantástico e das alegorias, a escrita de *O visconde partido ao meio*, como enfatizamos neste material, compreende diversas camadas de construção. No entanto, Calvino estendeu seu fazer literário para diversos âmbitos, tornando seu processo de escrita um campo diversificado de investigação.

Dessa forma, não apenas cada uma de suas obras, mas também sua produção como um todo demonstra alta complexidade e alcance: “Calvino soube trabalhar com as diferentes escolas literárias, indo do neorrealismo ao pós-modernismo. É considerado um autor contemporâneo em relação ao seu tempo” (ROCHA, 2017, p. 16). Estamos, portanto, diante de um artista que se relacionou de maneira aprofundada com os tempos em que viveu e que investigou os limites da literatura enquanto produziu.

Nesse contexto, apostar numa escrita fantástica revela um modo artístico de se relacionar com o mundo que tem suas especificidades:

O fantástico apresenta justamente uma figura insólita que tenha uma imagem que busca a verossimilhança com o real, mas que é dessemelhante a ele e que faz parte do mundo da imaginação no qual tudo é possível de ser criado e transformado. Ele não pretende buscar uma essência inerente às coisas, mas pelo contrário: dá indícios de algo que poderia ser, mas não é, mostra a realidade invertida ou diversas possibilidades de realidade. [idem, p. 34]

É essa realidade invertida e sua característica insólita o que permite a Calvino habitar um universo tão fantástico quanto o de *O visconde partido ao meio* para servir como espelho da realidade, que nos provê uma amostra invertida do mundo. Isto é, ao plantar imagens tão distantes do que acreditamos ser o real, o autor não está criando um mundo paralelo que não se relaciona com o nosso de maneira mais explícita, mas, através de sua alteridade, nos envia fotografias complexas do nosso mundo, fotografias que parecem falar conosco no que há de mais profundo, em termos da subjetividade. Por isso, ao ler a história de Medardo di Terralba, apesar de sentirmo-nos tão distantes, há ao mesmo tempo algo muito próximo a nós, ao

humano. Porque o fantástico não limita o alcance de nossa imaginação, ele nos revela o que há de mais profundo em nossa compreensão do mundo.

Assim, não somente os leitores, mas também os personagens que são obrigados a conviver com as partes opostas do visconde acabam por questionar-se acerca do que é propriamente humano.

Assim passavam os dias em Terralba, e os nossos sentimentos se tornavam incolores e obtusos, pois nos sentíamos como perdidos entre maldades e virtudes igualmente desumanas. [p. 86]

Está claro aí o quanto a presença desses seres desumanos faz com que o narrador reflita sobre sua própria humanidade.

Tendo em vista o contexto histórico em que a obra foi escrita, isto é, o período do pós-guerra, não é de se estranhar que os escritores estivessem às voltas com essa questão. Saber — depois da animalização grotesca pela qual uma parcela significativa da população mundial passou durante a Segunda Guerra — o que é ser um homem não é tarefa fácil, e talvez nunca tenha sido mesmo. Haja vista obras como *É isto um homem?* (1988), de Primo Levi (1919-87), um judeu italiano que conta sobre seu período no campo de concentração e nos faz examinar quais são os limites a que podem chegar os seres humanos que sofrem e fazem sofrer, matam e fazem morrer.

Como estamos vendo, portanto, Calvino se interessou pelos limites do homem e pelos limites da arte. Em *O visconde partido ao meio*, temos um personagem partido em duas metades que encarnam dois extremos, isto é, sua própria composição evidencia um jogo com os limites do corpo e da alma. Porém, também em termos formais, Calvino investiga esses limites: escreveu uma obra sem idade, a qual, ao mesmo tempo que apresenta cenas grotescas de violência e sexualização, tem ares fantasiosos que remetem às histórias infantis. Como se não bastasse, criou uma obra de literatura fantástica que não se limita a circunscrever-se nesse gênero e flerta também com as fábulas, em sua dimensão moralizante. Se lida por uma criança, será compreendida em determinadas camadas de leitura, por um adulto, outras, e terminamos sem saber a quem se dirige, porque de fato não há apenas um público previsto na grandiosidade do que o autor constrói.

Como se não bastasse essa quantidade tão impressionante de internalização de diferentes gêneros literários na forma e de públicos diversos num mesmo livro,

não bastasse a investigação tão apurada acerca da natureza humana, da civilização, do século xx, o romance de Calvino também flerta com a dramaturgia:

O que se percebe, então, é que, na explicitação das propostas artísticas de Calvino, aparecem alguns elementos de uma teatralidade implícita, latente em sua obra de ficção [...]. Os elementos imaginário, simbólico e o jogo compoem as realidades da ficção caracterizam a teatralidade presente em sua literatura. (BORTOLINI, 2013, p. 59)

Isso nos faz pensar como a própria cena que nos é apresentada no final contribui para que possamos compreender essa narrativa como um jogo de títeres. Assim como já abordamos neste material, nos últimos parágrafos do livro o narrador nos revela o fato de que é um garoto que se esconde no bosque para contar histórias a si mesmo, utilizando-se de agulhas de pinheiro. Sendo ele nossa única fonte de relato e informação, esse seu jogo narrativo talvez se trate de uma forma de simbolizar sua vida, uma maneira de se relacionar com a realidade. Desse modo, ao contar histórias para si, ao usar gravetos num teatro de bonecos, o sobrinho do visconde também conta a nós essa narrativa. Então, é de se esperar que ela tenha ares de teatralidade, pois pode muito bem o ser.

Como podemos ver, então, Calvino é magistral na construção de seu romance não só porque manipula uma série de referências históricas, temáticas e gêneros artísticos, mas também porque é capaz de tecer relações entre todas essas instâncias numa obra só. Uma obra que, apesar de parecer não ter compromisso com o realismo, utiliza-se dele como pano de fundo para construir uma das hesitações fantásticas mais sutis da história de literatura: seria esse romance uma obra do narrador, isto é, a manifestação simbólica e fantástica de sua compreensão infantil do mundo?

Apesar de breve, a leitura de um romance tão complexo quanto *O visconde partido ao meio* permitirá ainda uma diversidade de reflexões e apreciações estéticas, por mostrar-se aberta para que o leitor se coloque. Afinal, como afirma o próprio Calvino, em *Seis propostas para o próximo milênio*:

A obra literária é uma dessas mínimas porções nas quais o existente se cristaliza numa forma, adquire um sentido, que não é nem fixo, nem definido, nem enrijecido numa imobilidade mineral, mas tão vivo quanto um organismo. (1990, p. 84)

Sem dúvida, *O visconde partido ao meio* evidencia a qualidade de um autor que soube construir esse organismo muito vivo.

## SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Conto: “A pata do macaco”, de W. W. Jacobs.

Assim como já foi citado nesse material, esse conto modelo da literatura fantástica é de muita serventia para compreender os conceitos de *elemento fantástico* e *hesitação*, de Todorov, pois eles aparecem de maneira clara na obra, além de ser um dos contos fantásticos mais conhecidos da literatura universal.

Animação: *A cidade e o desejo nº 5*. Direção e roteiro de Gabriel Bitar. Brasil, 2010, 6 min.

Baseada no livro *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino, a animação conta a história de homens que tiveram o mesmo sonho, no qual perseguiam uma mulher.

Vídeo: *Cidades invisíveis, de Italo Calvino*. Por Caco Ciocler. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HXnAmkTz9aE>. Acesso em: 20 nov. 2020. Em 2017, Caco Ciocler fez uma leitura de trechos do romance de Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, para a revista *Bravo!*. Disponível on-line, é possível apreciar a leitura e a interpretação do ator brasileiro.

Livro: *Antologia da literatura fantástica*. Org. Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares e Silvina Ocampo. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Organizado por grandes nomes do gênero, esta antologia reúne 75 interessantes exemplares de contos fantásticos, de mestres do gênero como Edgar Allan Poe, H. G. Wells, Franz Kafka e Julio Cortázar, entre outros.

Vídeo: Leitura de trecho de *As cidades invisíveis*, de Italo Calvino. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZcuBharkL4c>. Acesso em: 20 nov. 2020. Leitura de trecho do livro *As cidades invisíveis*, projeto da *Revista Vigília*. Trata-se da descrição de Cloé, uma das cidades que aparecem no livro em que Marco Polo descreve a Kublai Khan as cidades de seu império.

Curta-metragem: *O homem sem cabeça. L'Homme sans tête*. Direção de Juan Solanas. França, 2003, 18 min. Sem classificação indicativa.

Neste filme sem falas, um homem não tem cabeça, mas desempenha normalmente suas atividades. Habitando um universo fantástico muito próximo ao de Italo Calvino, o curta pode ser lido em paralelo à experiência de leitura do romance.

## **BIBLIOGRAFIA COMENTADA**

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2018.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento norteador dos currículos dos sistemas e redes de ensino, como também das propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica.

BRITTO, Luiz P. L. *Ao revés do avesso: leitura e formação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

No livro, composto de oito ensaios, o professor e pesquisador questiona, a partir de sólida fundamentação teórica, diversos aspectos do senso comum vinculados à formação de leitores e ao ensino da literatura nas escolas. Vinculados à realidade brasileira, os ensaios provocam a repensar as práticas e, mais do que isso, as concepções idealizadas sobre leitores e a leitura. Nesse sentido, o breve “Leitores de quê? Leitores para quê?” se destaca ao questionar o que seria “ser leitor”, para pensarmos em quem queremos formar.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

O livro reúne conferências proferidas por Calvino na Universidade Harvard, nos Estados Unidos. Nelas, o autor identifica as seis qualidades que, segundo ele, só a literatura pode salvar: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Ao discorrer sobre o elemento *visibilidade*, por exemplo, o autor fala sobre a literatura fantástica e também sobre os livros científicos como estímulos visuais para a imaginação.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. Vol. I. São Paulo: Ática, 1998. Coleção Múltiplas Escritas.

Neste volume, vários autores analisam aspectos históricos da leitura no Ocidente, investigando o texto, a escrita e os leitores, indicando as mudanças ocorridas desde a Grécia e Roma antigas até o final da Idade Média. São apresentadas várias etapas das práticas de leitura: em voz alta, silenciosa e compartilhada. No segundo volume, os autores discutem a leitura do Renascimento às práticas mais recentes, propiciadas pelas revoluções tecnológicas atuais.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Convencida de que os livros são os melhores colaboradores dos professores para a formação do leitor, a professora e pesquisadora espanhola Teresa Colomer oferece uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para refletirmos sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura. Na segunda parte do livro, a autora tece importantes considerações sobre aspectos que devem ser levados em conta no planejamento de atividades que envolvam a leitura autônoma, a leitura compartilhada e a leitura guiada por um leitor mais experiente. Por articular aporte teórico rigoroso e um olhar atento para as práticas escolares, o livro se configura como uma importante referência para profissionais que trabalham com a promoção da leitura.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Um dos livros mais importantes para pensar a docência no âmbito da leitura e da escrita é este escrito pela estudiosa e pesquisadora Delia Lerner. Nele, por meio de uma leitura instigante e questionadora, a autora aborda os limites da instituição escolar para o desenvolvimento das práticas sociais de leitura e escrita, ajudando-nos a pensar como ultrapassá-los. Além disso, fornece exemplos inspiradores que podem ajudar na prática diária do ensino.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

Nesse livro, o filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov, um dos nomes mais importantes da literatura, esquematiza as bases da literatura fantástica.

Conceitos importantes como *elemento fantástico* e *hesitação* estão presentes no livro, além de outras reflexões sobre os limites desse gênero.

## OBRAS CITADAS

BORTOLINI, Neide das Graças de S. *Imagens no vazio: estudos da trilogia “Os nossos antepassados”, de Italo Calvino*. Tese de doutorado (Artes), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2013.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

THE NATIONAL WWII Museum. “Research Starters: Worldwide Deaths in World War II”. Disponível em: [www.nationalww2museum.org/students-teachers/student-resources/research-starters/research-starters-worldwide-deaths-world-war](http://www.nationalww2museum.org/students-teachers/student-resources/research-starters/research-starters-worldwide-deaths-world-war). Acesso em: 2 nov. 2020.

REZENDE, Rodrigo. “Doutores da agonia: por dentro da ciência nazista”. Super Interessante, 12 dez. 2006. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/doutores-da-agonia>. Acesso em: 28 nov. 2020.

ROCHA, Helen C. A. *O insólito no espaço-corpo do Cavaleiro Inexistente e do visconde partido ao meio, de Italo Calvino*. Dissertação de mestrado (Teoria Literária), Universidade Federal de Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19617/1/InsolitoEspacoCorpo.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2020.